

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

FÁBIO JOSÉ BORTONI DIAS

**MARIA NA RELIGIOSIDADE POPULAR.**

SÃO PAULO  
2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

FÁBIO JOSÉ BORTONI DIAS

**MARIA NA RELIGIOSIDADE POPULAR.**

Trabalho de Conclusão de Curso (T.C.C.) apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Freire.

SÃO PAULO

2017

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**TEMA: MARIA NA RELIGIOSIDADE POPULAR**

**ALUNO: Fábio José Bortoni Dias**

**ORIENTADOR: Profª Dra. Maria Freire**

**NOTA OBTIDA: \_\_\_\_\_**

**OBSERVAÇÃO DO PROFESSOR:**

---

---

---

**ASSINATURA: \_\_\_\_\_**

**SÃO PAULO**

**2017**

## **AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIAS**

Agradeço a Deus, a oportunidade de apresentar o meu trabalho, sobre Maria de Nazaré, justamente no ano que comemoramos os 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora nas águas do Rio Paraíba. Sempre tive em Maria um modelo de discípula e um exemplo de Cristã.

Obrigado meu Deus, por me guiar a escolher a professora Maria Freire para ser a minha orientadora. Ela, com muita paciência e atenção, dedicou o seu precioso tempo me orientado, de maneira humilde, nas minhas reflexões e especialmente nas minhas dúvidas.

Agradeço e exalto a colaboração da minha amada esposa Pina Maria Palmisano e minha filha Mariana Palmisano Dias, que sempre me incentivaram nas horas mais difíceis, principalmente nos momentos que estive prestes a desistir dos meus estudos, devido às dificuldades que foram aparecendo ao longo do curso.

Quero de uma forma muito especial, agradecer ao meu grande amigo Pe. Miguel Angel Zárate, que foi o grande incentivador desta caminhada.

Por fim, agradeço ao corpo docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, pela convivência harmoniosa, pelo conhecimento e experiências que foram tão importantes na minha vida acadêmica e pessoal. Levo, portanto, uma contribuição para um novo modo de pensar e viver.

**"Minha alma engrandece ao Senhor...porque olhou para a humildade de sua serva" ( Lc 1,46-53).**

## RESUMO

Já no Brasil colônia e por toda sua história, o povo sempre se apegou em Maria e na religiosidade popular para suportar as injustiças e as desigualdades sociais.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar como a figura de Maria dentro da religiosidade popular está presente na vida do povo da América Latina, especialmente do povo brasileiro. A religiosidade popular e a devoção Mariana no Brasil, chegaram junto com as caravelas dos portugueses à Terra de Santa Cruz, juntamente com Cabral desembarcou também a imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Maria uma menina frágil em idade, porém forte em sua fé, acolheu prontamente o projeto de Deus em sua vida, a missão de gerar o filho de Deus, o próprio Deus encarnado. O exemplo de Maria suscita ao povo sofrido e pobre do Brasil, força para vencer as grandes adversidades.

A religiosidade popular reúne crenças, práticas, rituais, narrativas, símbolos originários de outras fontes que não àquelas aceitas pelas lideranças religiosas, mas sendo por essas lideranças toleradas, embora tidas como errôneas.

Ainda hoje, mesmo depois das mudanças trazidas pós Concílio Vaticano II e um grande esforço do Magistério da Igreja em evangelizar o povo de uma maneira mais didática e fundada na Sagrada Escritura, ainda vemos no Brasil uma grande manifestação da religiosidade popular, através de romarias aos vários santuários marianos, reza do terço em comunidade, festas dos santos, a benção das rezadeiras e etc.

A exortação apostólica *Marialis cultus* (MC 59) aborda um desenvolvimento de uma mariologia de acordo com os princípios da *Lumen Gentium*. Paulo VI destaca que "a devoção à Maria de Cristo, mãe de Deus, se origina na eficácia, em Cristo encontra completa expressão e por meio de Cristo, no Espírito Santo, conduz ao Pai". O papa exorta aos fiéis revisarem suas devoções marianas, atentando para quatro diretrizes: linhas bíblicas, litúrgicas, ecumênicas e antropológicas a fim de evidenciar o vínculo do ser humano com Maria, através da comunhão dos Santos. A veneração à Maria deve ter um fundamento bíblico para que a devoção esteja de acordo com a revelação. As devoções precisam estar de acordo com o tempo litúrgico, fazendo com que elas se inspirem na Eucaristia e auxiliem o povo retornem a mesma. Devem favorecer a centralidade do mistério pascal, evitando qualquer exagero que se faça numa abordagem

antropológica no intuito de orientar a doutrina e a devoção para que estejam em equilíbrio com os elementos do tempo e do espaço vividos.

Vale salientar também que as devoções à Maria tem uma marca da característica cultural. Isso não descaracteriza seu valor religioso, mas exige um espírito lúcido a fim de evitar manipulações e manter a autenticidade de seu núcleo. Os evangelizadores têm a tarefa de ajudar o povo a compreender que as "nossas senhoras" são diferentes expressões da mesma e única Maria, glorificada junto de Deus e membro da comunhão.

Os presbíteros e bispos devem discernir sobre as devoções existentes e rejeitar aquelas que são utilizadas com finalidades questionáveis, que atentam contra o bom senso ou se distanciam da centralidade de Jesus.

**Palavras-chave: Maria, Religiosidade Popular, Brasil, Igreja Católica.**

## ABSTRACT

Since the colonialist times in Brazil and throughout its history, the people always was attached to holy Mary and the popular religiosity to bear the injustices and the social inequalities.

The present study have the objective to present the figure of Mary within popular religiosity and her presence in the life of the people of Latin America, especially the Brazilian people. Popular religiosity and Mary's devotion in Brazil, arrived along with caravels of the Portuguese to the Land of Santa Cruz, along with Cabral also landed the image of Nossa Senhora da Conceição.

Mary, a fragile girl but strong in her faith, promptly accepted the plan of God in her life, the mission of generating the child of God, God himself incarnate. The example of Mary rise in us, although the suffering and poverty people of Brazil, strength to overcome the great adversities.

Popular religiosity gathers beliefs, practices, rituals, narratives, symbols emanated from sources than those accepted by religious leaderships, but being by those leaderships considered as erroneous.

Even today, after the changes brought after the Second Vatican Council and a great effort by the Magisterium of the Church to evangelize the people in a more didactic and founded way in Sacred Scripture, we still see in Brazil a great manifestation of popular religiosity through pilgrimages to Several Marian shrines, prayers of the rosary in community, feasts, the blessing of the mourners and so on.

The apostolic exhortation *Mariialis cultus* (MC 59) addresses a development of a mariology according to the principles of the *Lumen Gentium*. Pope VI emphasizes, "Devotion to the Mary of Christ, Mother of God, originates in efficacy, in Christ finds complete Expression and through Christ in the Holy Spirit leads to the Father." The pope urges the faithful to revise their devotions to the Marian Church, taking into account four guidelines: biblical, liturgical, ecumenical and anthropological lines in order to highlight the bond of the human being with Mary through the communion of Saints. Mary's veneration must have a biblical foundation for devotion to accord with revelation. The devotions needs to be in allied with the liturgical time, making them to be inspired by the Eucharist and help the people return to it. They should favour the centrality of the Paschal Mystery, avoiding any exaggeration made in an

anthropological approach in order to guide doctrine and devotion so that they are in balance with the elements of time and space lived.

It is also worth noting that the devotions to Mary have a mark of the cultural characteristic. This does not detract from its religious value, but it requires a lucid spirit in order to avoid manipulations and maintain the authenticity of its core. Evangelizers have the task of helping the people to understand that "our holy ladies" are different expressions of the one and only Mary, glorified with God and a member of communion.

Priests and bishops should discern existing devotions and reject those that use them for questionable purposes, which run counter to common sense or distance themselves from the centrality of Jesus.

**Keywords: Mary, Popular Religiosity, Brazil, Catholic Church.**

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

### CAPÍTULO I

#### MARIA, CONTEXTO HISTÓRICO E TEOLÓGICO.

1.1 Contexto histórico de Maria, mãe de Jesus de Nazaré.....	1
1.2 Maria na Sagrada Escritura.....	1
1.3 Maria a Nova Eva.....	5
1.4 Maria a Discípula do Senhor.....	6
1.5 Os dogmas Marianos.....	9

### CAPÍTULO II

#### A RELIGIOSIDADE POPULAR NA AMÉRICA LATINA.

2.1 Devoção a Maria na América Latina.....	12
2.2 Nossa Senhora de Guadalupe Padroeira da América Latina.....	14

### CAPÍTULO III

#### A RELIGIOSIDADE POPULAR NO BRASIL.

3.1. Devoção a Ave-Maria e ao terço.....	16
3.2. Maria na Religiosidade Brasileira.....	18

3.3. Festas populares dedicadas a Maria.....	21
3.4. Maria na arte popular.....	22
3.5. Maria a Senhora de Aparecida.....	24
3.6 Ano Mariano.....	34
CONCLUSÃO.....	36
BIBLIOGRAFIA.....	38

## Introdução

Discorrer como o cristão brasileiro vive a sua religiosidade popular em um país continental, é muito complexo. No Pará temos o Círio de Nazaré, uma festa mariana que atrai dezenas ou centenas de milhares de pessoas, em São Paulo temos a Basílica Nacional de Aparecida, um dos maiores templos Mariano, que recebe milhares de pessoas todos os finais de semana, no sul temos a festa fluvial de Nossa Senhora dos Navegantes e muitas outras festas espalhadas por este enorme país.

A maioria do povo brasileiro que sempre foi explorada, uma exploração que perpassa por toda a história do Brasil.

O povo que vivia oprimido na colônia almejava ardentemente ter um pouco mais de liberdade, manter, aqui mesmo no Brasil, o fruto do seu trabalho, sem ser pilhado pela Coroa Portuguesa. Como não era possível, a religiosidade tornou-se um sinal de esperança e sentimentos para uma verdadeira mudança.

A própria aparição da imagem de Nossa Senhora Aparecida, nas águas do Rio Paraíba do Sul, no ano de 1.717, é a resposta de Deus aos pedidos de um povo sofrido e oprimido.

O Papa Bento XVI considera a religiosidade popular “precioso tesouro da Igreja Católica”. Durante a sessão inaugural da Conferência de Aparecida, no dia 13 de maio de 2007, Bento XVI afirmou: “Esta religiosidade se expressa também na devoção aos Santos com as suas festas patronais, no amor ao Papa e aos demais Pastores, no amor à Igreja universal como grande família de Deus que nunca pode, nem deve, deixar abandonados ou na miséria os seus próprios filhos. Tudo isto forma o grande mosaico da religiosidade popular que é o precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina, e que ela deve proteger, promover e, naquilo que for necessário, também purificar”.

Apesar de a religiosidade popular contrastar com alguns ensinamentos do magistério, a Igreja nunca deixou de exaltar sua importância, pois a religiosidade popular esta permanece colada à experiência de vida. Trata-se de expressões, atitudes e gestos que expressam uma relação pessoal com Deus.

Entre as expressões dessa espiritualidade contam-se: as festas patronais, as novenas, rosários e *via sacras*, as procissões, as danças e os cânticos do folclore religioso, o carinho aos santos e anjos, as promessas, as orações em família. Destacamos as peregrinações onde é possível reconhecer o Povo de Deus em sua caminhada de fé.

Aí o cristão celebra a alegria de sentir imerso em meio a tantos irmãos caminhando juntos para Deus que os espera.

O objetivo deste trabalho é demonstrar como a religiosidade popular, a devoção a Maria e aos Santos estão presentes na vida do povo brasileiro.

## Capítulo I

### **MARIA, CONTEXTO HISTÓRICO E TEOLÓGICO.**

#### 1.1 Contexto histórico de Maria, mãe de Jesus de Nazaré

Através das Sagradas Escrituras, temos contato com a Maria histórica e teológica, aquela menina que viveu na Galiléia e não hesitou em aceitar o projeto de Deus.

Os Evangelhos não são uma obra bibliográfica, e sim uma obra teológica inspirada por Deus e que tem por objetivo nos apresentar a encarnação do Filho de Deus, como tal os Evangelhos não têm a função de nos apresentar a bibliografia de Jesus de Nazaré ou de sua mãe Maria. Assim, os textos sobre Maria devem ser compreendidos no contexto de cada Evangelho.

As pessoas têm muitas curiosidades a respeito de Maria. Como viveu, qual o nome de seus pais, e etc. Porém a bíblia não narra. Encontramos algumas informações sobre Maria nos evangelhos apócrifos, mas não vamos tratar deste assunto em nosso trabalho.

O que podemos concluir historicamente sobre Maria, conforme os Evangelhos é que Maria vivia na Galiléia, uma região pobre e esquecida pelas autoridades e que ela estava prometida em casamento a um judeu de nome José. Maria nos mostra claramente a opção de Deus pelos humildes.

#### 1.2 Maria na Sagrada Escritura.

Os estudiosos da Sagrada Escritura partem de um raciocínio de que nos escritos do Antigo Testamento não existem relatos sobre a presença de Maria na história da Salvação. Com o surgimento das primeiras comunidades cristãs é que temos o conhecimento da presença de Maria na ação salvífica de Deus. Esses mesmos estudiosos passaram a colocar algumas imagens que indicam, que dão referência, a

figura de Maria já no Antigo Testamento. “Porei ódio entre ti mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu ferirás o calcanhar”.<sup>1</sup>

Isaías 11,1s profetizou: "Do tronco de Jessé nascerá um rebento, e de sua raiz brotará uma flor sobre a qual repousará o Espírito" Deste texto de Isaías, que já virou até música, podemos fazer a seguinte teologia. O "tronco" ou a "raiz" é a geração de Jessé ou Davi, especificamente a virgem Maria. O "rebento" ou a "flor" é Cristo. Não é muito provável, antes inacreditável, que de um tronco seco e de uma raiz podre brotem um ramo bonito e uma linda flor. Logo também não era de se esperar que a virgem Maria fosse mãe de um filho tão importante, o próprio Deus. Acredito que ela é chamada de "tronco" ou "raiz" não somente por ter sido mãe de forma sobrenatural, como virgem, mas porque é sobrenatural que de um tronco morto nasça um broto. Há uma segunda razão. O tronco real e a linhagem de Davi verdejaram e floresceram em grande honra, poder, riqueza e felicidade nos tempos de Davi e Salomão. Mas quando apareceu Cristo, os sacerdotes tinham se apossado dessa honra e governavam sozinhos. A casa real de Davi, pobre e desprezada, era como um tronco morto.

Nas cartas paulinas não vemos indicação direta sobre Maria. Na carta aos Gálatas, dá-se uma referência para falar que Deus enviou seu Filho, nascido de uma mulher. O nome de Maria não é citado, “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei”.<sup>2</sup>

O Evangelho de Marcos, apresenta Maria, como discípula do seu filho Jesus. O evangelista Marcos fala dela, mas não fala sobre ela. O Evangelista nada diz sobre as qualidades humanas e espirituais de Maria. Marcos apresenta Maria junto aos seus familiares: “Chegaram então sua mãe, teus irmãos e ficando do lado de fora, mandaram chama-lo. Havia uma multidão sentada em torno dele. Disseram-lhe: Eis que tua mãe, teus irmãos e tuas irmãs estão lá fora e te procuram. Ele perguntou: Quem é minha mãe e meus irmãos. E, repassando com o olhar os que estavam sentados ao seu redor, disse: Eis a minha mãe e os meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe”.<sup>3</sup>

Marcos apresenta com clareza que o que é mais importante é a nova família que está em gestação, e que em breve tornará a primeira comunidade cristã. A

---

<sup>1</sup> Cf. Gn 3,15

<sup>2</sup> Cf. Gl 4,4

<sup>3</sup> Mc. 3, 31-35

verdadeira família de Jesus será de agora em diante a dos seus seguidores, ou seja, aqueles que fazem a vontade do Pai. Não importa mais os laços de parentescos.

No Evangelho de Mateus existe um dado novo. O Evangelista coloca os relatos da infância de Jesus, onde no ponto central de sua infância está José o carpinteiro, o homem justo, que sempre tem suas ações de acordo com a vontade de Deus. Mateus coloca José numa condição central, na encarnação do Verbo, apesar de não ser o pai de Jesus, pois a comunidade de Mateus é a comunidade patriarcal de Judeus, onde a mulher tem um papel submisso. O Evangelista apresenta-nos também Maria como a mulher que irá conceber pela ação do Espírito Santo. Mateus dá os primeiros passos na compreensão bíblica sobre Maria. Apresenta-a como a mãe virginal do Messias, unida a seu filho. Sutilmente, reduz a oposição dos familiares com Jesus, mostrando que também eles são chamados a fazer parte da “nova família” dos seus seguidores.

É no Evangelho de Lucas que a figura de Maria está presente de uma forma mais acentuada. A quantidade de vezes em que aparece como na anunciação do arcanjo Gabriel, a visita a sua prima Isabel, nascimento de Jesus, a presença de Maria no início da comunidade primitiva. Lucas cita Maria 89 vezes no seu Evangelho. O Evangelista mostra na figura de Maria o modelo de como deve ser o (a) discípulo (a), aquele que ouve a voz de Deus, medita e coloca em prática a vontade de Deus.

O Evangelista Lucas, coloca na boca de Maria, o Magnificat o canto da libertação messiânica. O teólogo Hans Urs von Balthasar, vê no Magnificat uma “divina revolução do amor”<sup>4</sup>

Maria faz uma experiência de fé, pois não consegue compreender como estes fatos grandiosos acontecem em sua vida e para isso utiliza-se da meditação em seu coração de tudo o que está acontecendo em seu redor. Maria não consegue entender como o mundo que Jesus prega, de igualdade e justiça, é a porta de entrada do Reino dos Céus, e por isso ela sofre porque Jesus não é compreendido pelos seus contemporâneos. Maria viveu numa região pobre e esquecida pelas autoridades na Galiléia e, portanto, sabe muito bem entender por que Deus vem ao encontro dos mais humildes, Deus sempre olha para baixo, ele está acima de todas as coisas, e sempre olhando para os humilhados, tanto que Jesus mesmo anuncia isso no Sermão da Montanha.

---

<sup>4</sup> Hans Urs von Balthasar. Maria hoy. Madri, Encuentros Ediciones, 1988, p. 59.

Maria é bendita, abençoada, pela vinda do Espírito Santo em sua vida na encarnação de Jesus e também na vida da Igreja que começa sua trajetória com o evento Pentecostes.

O Evangelho de João, Maria nas bodas de Caná, o primeiro sinal de Jesus, e aos pés da cruz, isto por si só já faz uma identificação de Maria como uma importante pessoa para Jesus. Neste dois acontecimentos Jesus não a chama de mãe, João refere-se a Maria como mãe de Jesus. Jesus a chama por mulher da mesma forma com que se dirige a outras mulheres do Evangelho. Na festa de Caná Maria vem orientar aos empregados a realizar tudo que Jesus disser que tudo sairá bem, “No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galiléia e a mãe de Jesus estava lá. Jesus foi convidado para o casamento e seus discípulos também. Ora, não havia mais vinho, pois o vinho do casamento havia acabado. Então a mãe de Jesus lhe disse: Eles não tem mais vinho. Respondeu-lhe Jesus: Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou. Sua mãe disse aos serventes: Fazei tudo o que ele vos disser”.<sup>5</sup>

No momento da cruz de Jesus, vemos Maria junto com outras mulheres e o discípulo amado. Maria mostra-se firme na fé, com sofrimento, mas acreditando nas promessas de Deus, recebe de Jesus a missão de mãe da Igreja e a Igreja também a acolhe como sua mãe, “Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a sua irmã de sua mãe, Maria mulher de Clopas, e Maria Madalena. Jesus então vendo a sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse a sua mãe: Mulher, eis teu filho! Depois disse ao discípulo: Eis tua mãe! E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa”.<sup>6</sup> Vale ressaltar que no Evangelho de João, não é citado nenhuma vez o nome Maria, o evangelista coloca a missão de "Maria", a mãe do Senhor.

No livro do Apocalipse, último livro da Sagrada Escritura, no capítulo 12 a figura da mulher, segundo os exegetas não é a figura de Maria, mas sim da Igreja que vai vivenciar já no plano terreno a presença viva e santificadora de Jesus. “Um sinal grandioso apareceu no céu: Uma Mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas”.<sup>7</sup>

Através das primeiras comunidades cristãs vemos que a presença de Maria como presença viva e santificadora de Jesus é para todos nós um exemplo de como nós

---

<sup>5</sup> Jo. 2, 1-5

<sup>6</sup> Jo. 19,25-27

<sup>7</sup> Ap. 12, 1

também seremos agraciados de sua presença santificadora, pois somos participantes e seguidores de Jesus.

### 1.3 Maria a Nova Eva.

A perspectiva do paralelismo entre Maria e Eva tem propriedade para estabelecer a relação humana entre o pecado e a graça? Entre a morte pelo pecado e a Salvação da humanidade em Jesus?

Irineu apresenta o paralelo entre Maria e Eva nos seguintes elementos: Eva abriu à Serpente o caminho em direção da humanidade, trazendo assim a morte. Maria deu a luz ao Cristo Jesus, que esmagou a cabeça da serpente e trouxe assim a vida. A atitude interior de Eva foi a incredulidade contra Deus, donde a sua desobediência. No momento da queda, Eva tinha marido, mas era virgem. Maria tinha igualmente marido e foi sempre virgem.

A ideia que atravessa todos esses argumentos é da recapitulação: Assim como a condenação, também a salvação da humanidade veio pelo mesmo caminho, mas desta vez pela obediência da mulher que deu a luz ao Salvador. O paralelo Maria-Eva compensa assim o aspecto luminoso de Maria e possibilita a polaridade do arquétipo nela.

O que a reflexão de Santo Irineu revela é que Maria, recapitulando Eva, a elevou, a redimiu da maldição primordial. A ideia de redenção é usada aqui com preocupações, mas é, no entanto significativa do ponto de vista teológico, pois, em Maria, Eva não foi recalçada, e sim elevada e conduzida à mutação, ao positivo. No círculo interior do arquétipo, é fundamental que o aspecto negativo se transforme no aspecto positivo, ou que contribua para a mutação positiva do feminino. Esse aspecto de intercessão, de mediação de Maria em relação à Eva, a “ mãe de todos os viventes”, Santo Irineu o exprimiu pelo termo “advogada”, “defensora” (Advocata). O título evoca, evidentemente, no contexto do texto, um tema distinto, a saber, o de Maria que obedece , em contraposição a Eva que desobedece. Não se trata de intercessão no sentido próprio da palavra, ou que Maria tenha feito valer alguns méritos a favor de Eva. Maria, fazendo ao contrário do que fez Eva, destruiu deste modo sua obra e conseguiu retificar as funestas consequências da desobediência de Eva. A alusão é

simplesmente à cena da Anunciação, na qual o “sim” de Maria possibilitou a vinda de Cristo e, com ele, da salvação. A obediência de Maria por seu “sim” destruiu a ação perniciosa de Eva. Embora a redenção seja obra única de Cristo, contudo no conjunto do mistério salvífico cada elemento que constitui o todo tem seu significado soteriológico, emanado, é claro, da única redenção operada por Cristo. Maria tem, pois nesse sentido, um significado soteriológico em relação à Eva, que era esboço antropológico da mulher. Maria é a restauração e aperfeiçoamento deste projeto que havia falido.

O paralelismo Eva-Maria, em Justino e Irineu, representa, em certo sentido, um prelúdio da denominação de Maria como a “Nova Eva”, título esse que, na verdade, foi o fundo implícito, não formulado da antítese Eva-Maria. Com efeito, na continuação da teológica, “lenta e progressivamente, reconhecer-se-ão, em Maria, todos os aspectos do papel de Eva”. Desde de 377, Epifânio vê nela a “Mãe dos Viventes”, segundo a fórmula de Gn 3,20 “O chamou sua mulher” “Eva”, por ser a mãe de todos os viventes. E é somente durante a segunda metade do século XIII que será posto a luz do último traço do paralelo, a saber, Maria, “auxiliar semelhante” do novo Adão, segundo fórmula de Gn 2,18 “Deus disse: Não é bom que o homem esteja só”. “Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda”.<sup>8</sup> Maria carrega nela a noção de Santidade que era cara aos Santos Padres.

#### 1.4. Maria a Discípula do Senhor.

Para o evangelista Lucas, o seguidor de Jesus, é aquele que o tem como mestre, é aquele que ouve seu apelo, segue-o e aprende com ele no caminho ‘O mesmo aconteceu a Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram seus companheiros. Então Jesus disse a Simão: “Não temas, doravante será pescador de homens”. “E atracando as barcas a terra, deixaram tudo e o seguiam”.<sup>9</sup>; “Sempre em caminho para Jerusalém, Jesus ia atravessando cidades e aldeias e nelas ensinava”.<sup>10</sup> Ser aprendiz de Jesus significa também fazer parte de sua comunidade, peregrinar e participar da causa de Jesus, que é o Reino de Deus. Para ser um seguidor efetivo da causa de Jesus é necessário escutar a

---

<sup>8</sup> Cf. Almeida-Manzini-Maçaneiro. As Janelas do Vaticano II – A Igreja em diálogo com o Mundo – p. 147-149.

<sup>9</sup> Cf. Lc 5,10s

<sup>10</sup> Cf. Lc 13,22

palavra de Deus, a cultivar em seu coração e a colocar em prática. Lucas apresenta a figura de Maria como a primeira e com um exemplo de como deve ser o discípulo de Jesus.

Maria acolhe a proposta que Deus tem para ela, com relação a isso, Murad apresenta-nos o seguinte:

O enviado de Deus começa com uma saudação simples: “Alegra-te, Maria” (cf Lc 1,28). Convida Maria a participar da alegria do novo tempo, que começa com a vinda de Jesus (Lc 1,14.44.58; 2,10). Lucas destaca a alegria como um sinal próprio de Jesus e de seus seguidores (Lc 10,17.21; 19,37; 24,52). Maria também é convidada a se alegrar.<sup>11</sup>

Ao fazer uma leitura do Evangelho de Lucas podemos destacar que ela é discípula de Jesus, caminha na fé em Deus, opção que Deus faz pelos pobres, pois se tornou pobre no meio de nós, e em uma pessoa que foi guardadora da ação do Espírito Santo.

Em outras palavras, Afonso Murad, nos apresenta Maria de uma forma mais simplificada do ser discípulo de Jesus, como segue:

Lucas apresenta mais características de Maria. Ela é o exemplo vivo do discípulo e seguidor de Jesus, que acolhe a Palavra de Deus com fé, guarda e medita no coração, e a põe com prática, produzindo bons frutos.<sup>12</sup>

Maria é por excelência a peregrina na fé. O “sim”, pronunciado com inteireza no início da juventude se renova muitas vezes no correr da vida. Ela passa por crises e situações desafiadoras, que a fazem crescer e caminhar sempre mais na adesão ao Senhor.

Podemos observar também a figura de Maria no Evangelho de Lucas, dando-nos uma visão bíblica e teológica, pois Lucas, dá-nos uma contribuição fundamental para a sua compreensão. O teólogo Afonso Murad apresenta Maria no Evangelho de Lucas da seguinte maneira:

Maria, a que fez o elo entre os três períodos da história da salvação. Ela está presente junto ao velho Israel, que preparava a vinda do Salvador, com esperança e

---

<sup>11</sup> Cf. Murad, Afonso Tadeu. Maria toda de Deus e tão humana. Ed. Paulinas: Santuário, São Paulo, 2012.p.54.

<sup>12</sup> Cf. ibid p. 56

alegria. Como mãe de Jesus, participa de seu crescimento “em sabedoria, idade e graça”. Incorpora-se aos discípulos, quando Jesus inaugura o Reino de Deus. Por fim faz parte do grupo originário da Igreja pós-pascal. Maria é a única que perpassa o tempo de Israel, de Jesus e da Igreja.

Maria, a agraciada por Deus, contemplada pela graça divina. Deus toma a iniciativa oferece-lhe gratuitamente o seu Espírito. Maria o acolhe intensamente, a ponto de traduzir-se em fecundidade material. A maternidade de Maria é uma forma de expressão e consequência da sua fé, da ação fecunda do Espírito nela. Dentro deste contexto se compreende a sua maternidade virginal. Não desvaloriza a sexualidade, mas afirma o quanto Deus pode realizar na humanidade, quando a pessoa acolhe total e ativamente a graça divina.

Maria, a profetisa da libertação. O cântico de Maria tematiza sua consciência profética. Ela não tece louvores a Deus pela beleza da criação ou por experiências emotivas desprovidas de conteúdo. Reconhece antes a ação transformadora de Deus nas relações sociais. Anuncia com esperança o novo tempo, que se inicia com Jesus, o Messias. Revela-se assim não como mãe preocupada com os interesses de sua família, mas sim, mulher comprometida com a história de seu povo e com o destino da humanidade.

Maria, a peregrina na fé. Seu seguimento a Jesus comporta rupturas, crises e buscas. Porque participa da finitude humana, ela não tem pleno conhecimento da situação. Medita e aprofunda o sentido dos acontecimentos. Amplia a sua perspectiva. Atenta ao pedido de seu filho inverte as prioridades: Da mãe da família biológica de Jesus, para membro efetivo da nova família de seus seguidores.

Maria, a pobre mulher de Nazaré. Ela se apresenta como membro do povo pobre e simples da Galiléia. Representante dos humilhados e dos humildes, Maria toma a história na mão, faz-se sujeito social e religioso. Colabora decididamente para que o tempo de libertação-salvação comece a se efetivar.<sup>13</sup>

Esses traços de Maria inspiram atitudes de vida de cada cristão e da Igreja. Sentimo-nos chamados a ser discípulos fiéis de seu filho Jesus Cristo, ouvindo, acolhendo no coração e praticando sua Palavra. Renovamos o nosso “sim”, mesmo no meio das crises, pois sabemos que somos “bem amados de Deus” (Ef 1,6). Como Maria,

---

<sup>13</sup> Cf. Murad, Afonso Tadeu. Quem é esta mulher? Maria na Bíblia, p 137-138.

alimentamos um coração agradecido a Deus, que o louvor pelo bem que ele realiza em nosso meio e através de nós.<sup>14</sup>

### 1.5 Os aspectos dogmáticos Marianos.

Os dogmas na Igreja são verdades salvíficas. "Muitas vezes utiliza-se a palavra dogma como se fosse algo pesado, difícil, mas, na realidade, é uma grande bênção, um presente. São verdades da fé em que cremos e que a Igreja sente necessidade de esclarecer. São verdades que trazem salvação e mensagem de esperança". Igreja possui uma série de verdades de fé, conhecidas como dogmas, em que os católicos devem crer. No total, são 44 dogmas subdivididos em 8 categorias diferentes – sobre Deus; sobre Jesus Cristo; sobre a criação do mundo; sobre o ser humano; sobre o Papa e a Igreja; sobre os sacramentos; sobre as últimas coisas; sobre Maria.

Os quatro dogmas Mariano tratam:

**-Maria, mãe de Deus (Theotókos)**

**-Maria mãe e virgem (perpétua virgindade de Maria)**

**-Imaculada Conceição de Maria**

**-Assunção de Maria.**

Vamos explicar de uma forma suscita e pedagógica, o contexto histórico no qual os dogmas foi proclamado, inserindo Maria no plano da Salvação.

#### **Maria, Mãe de Deus:**

Maria é verdadeiramente Mãe do Deus encarnado, Jesus Cristo, todos os evangelistas afirmam sem sombra de dúvida, que Maria de Nazaré é a mãe de Deus. Já nos primeiros três séculos, os Padres da Igreja utilizaram as definições *Mater Dei* (em latim) ou *Theotókos* (em grego), que significam Mãe de Deus, tais como Inácio (107), Orígenes (254), Atanásio (330) e João Crisóstomo (400). Essa doutrina foi definida dogmaticamente pelo Terceiro Concílio Ecumênico, realizado em Éfeso, em 431.

"Jesus é plenamente homem e plenamente Deus. Maria foi Mãe deste Deus feito homem, que é Jesus; assim, Maria é Mãe de Deus. É uma realidade que dá fundamento a todas as outras. É uma verdade, em primeiro lugar, sobre Cristo, pois é preciso afirmar que Jesus é verdadeiramente Deus para que possamos falar que Maria é Mãe de Deus",

---

<sup>14</sup> Cf. *ibid* p. 65

## **– Perpétua Virgindade de Maria**

Ensina que Maria é virgem antes, durante e depois do parto. É o dogma mariano mais antigo das Igrejas Católica e Oriental Ortodoxa, afirmando a "real e perpétua virgindade mesmo no ato de dar à luz o Filho de Deus feito homem" (Catecismo da Igreja Católica, 499). Essa doutrina foi definida dogmaticamente pelo Concílio de Trento, em 1555, embora já fosse um dogma no cristianismo primitivo, como indicam escritos de São Justino Mártir e Orígenes.

"É uma crença que já está na sagrada Escritura e defende que Maria concebeu Jesus virginalmente, deu à luz virginalmente e assim permaneceu até o final da vida" Na verdade este dogma está ligado a uma verdade teológica, apesar de alguns padres da Igreja e também São Thomas de Aquino que ensinou esta doutrina (*Summa theologiae* III.28.2) que Maria deu o nascimento miraculoso sem abertura do útero, e sem prejuízo para o hímen, a virgindade de Maria é um assunto que gera discussões acaloradas, visto que abordar o tema não é fácil, pelo fato de que no mesmo dogma estão contidas três diferentes afirmações: a concepção de Jesus aconteceu sem que houvesse uma relação sexual ou qualquer outra forma de intervenção humana (concepção virginal), Maria posteriormente fez a opção de vida de se manter virgem (virgindade perpétua), fato este que não tem nenhum amparo nas sagradas escrituras. E aconteceu algo extraordinário no momento do parto de Jesus de Nazaré, como afirma São Thomas, o hímen não se rompeu.

No horizonte cristão, o questionamento sobre a concepção virginal veio da teologia bíblica. Descobriu-se que a "verdade" na Bíblia está sobretudo na mensagem no sentido teológico, e bem menos nos fatos brutos na descrição literal de um acontecimento.

Santo Agostinho, sustenta que a virgindade não se limita às marcas no corpo, mas diz respeito à opção das pessoas.

## **– Imaculada Conceição de Maria**

Defende que a concepção de Maria foi realizada sem qualquer mancha de pecado original, no ventre da sua mãe. Dessa forma, ela foi preservada por Deus do pecado desde o primeiro momento da sua existência, como apontam as palavras do Anjo Gabriel – "sempre cheia de graça divina" – *kecaritwmenh*, em grego. Essa

doutrina foi definida dogmaticamente pelo Papa Pio IX na Constituição *Ineffabilis Deus*, em 8 de dezembro de 1854.

A festa da Imaculada Conceição de Maria é celebrada em 8 de Dezembro, definida inicialmente em 1476 pelo Papa Sixto IV. Também neste caso, muitos escritos dos Padres da Igreja já defendiam a Imaculada Conceição de Maria, pois era adequado que a Mãe do Cristo estivesse completamente livre do pecado para gerar o Filho de Deus.

#### **– Assunção de Maria:**

Indica que a Virgem Maria, ao fim de sua vida terrena, foi elevada em corpo e alma à glória dos céus. Essa doutrina foi definida dogmaticamente pelo Papa Pio XII na Constituição *Munificentissimus Deus*, em 1º de novembro de 1950.

"Depois de elevar a Deus muitas e reiteradas preces e de invocar a luz do Espírito da Verdade, para glória de Deus onipotente, que outorgou à Virgem Maria sua peculiar benevolência; para honra do seu Filho, Rei imortal dos séculos e vencedor do pecado e da morte; para aumentar a glória da mesma augusta Mãe e para gozo e alegria de toda a Igreja, com a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo e com a nossa, pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que a Imaculada Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, terminado o curso da sua vida terrena, foi assumta em corpo e alma à glória do céu"

## Capítulo II

### A RELIGIOSIDADE POPULAR NA AMÉRICA LATINA

#### 2.1 Devoção a Maria na América Latina

Conquistadores e conquistados, patrões e empregados, religiosos e leigos viveram sua relação a Maria ao longo dos séculos da história da fé cristã na América Latina. Cada grupo movido pelos seus interesses próprios, colocava Maria de seu lado de forma que ela participou dos conflitos de morte e vida, vitória e derrota de diferentes grupos no complexo tecido social latino-americano.

Maria foi considerada como a grande protetora dos conquistadores e foi vivida concomitantemente aos interesses econômicos das Coroas espanhola e portuguesa, visto que fazia parte do projeto da conquista atrair os índios à fé cristã. Aumentar o número de cristãos era ao mesmo tempo aumentar o número de súditos do rei. Tudo estava intimamente ligado na perspectiva da cristandade do século XVI.

O discurso da Conquista mostra bem o caráter guerreiro e combativo do catolicismo ibérico, único caminho para a salvação da humanidade. Por isso tirar os índios da perdição a que seus ídolos conduziam inevitavelmente, mostrar-lhes a luz da cruz e o carinho da Virgem era salvar-lhes a alma e conduzi-los à felicidade eterna. Este projeto “salvífico” era tão importante quanto conquistar novas terras para a glória das Coroas espanhola e portuguesa. A conquista era considerada obra da Virgem, senhora poderosa e terna, preocupada em proteger os fiéis espanhóis e portugueses e em converter os índios à fé em seu divino Filho. A primeira geração da conquista foi marcada por muita violência religiosa, destruição da cultura religiosa indígena em nome da pureza e verdade do Cristianismo. Por isso nos primórdios da Conquista do México, por exemplo, os conquistadores admoestavam com muito rigor e violência os indígenas que tirassem das suas casas seus ídolos, pois estes os levariam ao inferno suas almas e fizeram colocar no lugar de seus ídolos uma imagem de Nossa Senhora.

D. Pedro Alvarado, o conquistador da Guatemala. Depois de vencer os indígenas de Utatlán, onde muitos perderam a vida, agradece aos céus sua vitória através de uma grande festa à Virgem. Para os conquistadores, Maria está sempre de seu lado contra os

índios considerados infiéis. Sua guerra é santa e por isso a Virgem os protege na dura lida de trazer os à fé.

Conta-se, certamente como produto da ideologia cristã espanhola, que em Cuzco (Peru), num violento combate entre índios e espanhóis, no lugar conhecido como Suntuturhuari, nome que vem do idioma quéchua, a Virgem Maria veio ajudar os espanhóis encurralados pelos indígenas. Era noite e os indígenas armados queriam vingança e eis que “lhes apareceu no ar Nossa Senhora com o menino Jesus nos braços, com grandíssimo resplendor e formosura, e se colocou diante deles. Os infiéis, olhando aquela maravilha, ficaram pasmos. Sentiam que lhes caía nos olhos poeira como areia e com isso não enxergavam mais nada e não sabiam mais onde estavam. Tiveram que voltar para seu alojamento antes que os espanhóis saíssem a combatê-los.<sup>15</sup> Os espanhóis consideravam-se os fiéis servidores de Maria e todos os métodos utilizados contra os “infiéis” pareciam ser não só aprovados, mas também obra da Virgem. Ela criava situações inéditas para salvá-los porque o que estava em jogo era a expansão do Reino do seu Filho.

A partir da segunda geração da Conquista, o culto a Maria começa a ser integrado nos costumes da América Espanhola e Portuguesa. Depois da eliminação de milhares e milhares de “infiéis” e da conseqüente vitória dos conquistadores sobre os nativos, começa um processo de acomodação dos conquistados à nova cultura religiosa dominante. Sem dúvida, o culto à deusa mãe, comum aos povos indígenas, e as outras divindades funde-se aos elementos trazidos na crença do Conquistador. Este ideal da Virgem soube atrair os olhares dos pobres habitantes de nossos rincões. Inspirou-lhes uma afeição que abrandou seus costumes, que lhes tornou menos duro os trabalhos e menos solitários seu isolamento.<sup>16</sup>

A integração do culto a Maria não se deu de forma imediata e tranquila. Os evangelizadores da época tiveram sempre presente a preocupação de subsistir no caso de Maria, a divindade da deusa-mãe por Nossa Senhora, para evitar, segundo eles, a continuação da idolatria. Sem dúvida, o julgamento da idolatria é feito a partir dos critérios próprios do cristianismo dos conquistadores, particularmente dos missionários da época.

---

<sup>15</sup> Cf. Maria, Mãe de Deus e Mãe dos Pobres. p.149

<sup>16</sup> Cf. Ibid p.150

No período das guerras de independência em relação à Espanha, Maria Santíssima tem um papel tão importante quanto no período da colonização. Os caudilhos da Independência dos países latino-americanos creem que sua devoção à Virgem foi uma das armas mais poderosas para a conquista da autonomia em relação à Metrópole.

Cada país da América Latina, através da influência dos colonizadores tem a sua devoção Mariana própria.

## 2.2 Nossa Senhora de Guadalupe Padroeira da América Latina.

Como já apontei acima, as aparições ou o início de uma nova devoção à Maria, acontece em momentos de conflitos, e não poderia ser diferente com a aparição de Nossa Senhora de Guadalupe, que aparece a um nativo mexicano num momento de conflito entre brancos e índios, e Maria vem demonstrar que ama os indígenas como filhos queridos. Um aspecto que vale ressaltar na narração das aparições da Virgem é perceber que Maria fala a mesma língua do índio, eles conversam em seu idioma, idioma de seu povo e não na linguagem dos colonizadores, dos opressores, é mais uma prova que a Virgem toma partido dos oprimidos e fracos.

O índio à compreende e tem absoluta certeza de sua proteção. Falar a mesma língua é reconhecer o valor da língua em que se está falando. No caso trata-se da língua desprezada pelo colonizador, da que teve que morrer para que viva a trazida de fora, de outro mundo, de outra cultura.

De todas as devoções à Virgem Maria na América Latina, a única que se pode dizer fruto de uma aparição “dita sobrenatural” é a de Guadalupe.<sup>17</sup> Nos outros lugares da América Latina, as devoções à Virgem nasceram de uma imagem ou encontrada ou esculpida por nativos ou trazida pelos missionários. Guadalupe ocupa um lugar privilegiado na mariologia latino-americana, significando fundamentalmente que a Virgem assume maternalmente os “nativos” do México e com eles todo o povo da América Latina.

---

<sup>17</sup> Maria, Mãe de Deus e Mãe dos Pobres: Um ensaio a partir da mulher e da América Latina. Pág. 165

A história desta aparição e as circunstâncias históricas que constituem o pano de fundo em que se deu revelam a “integração” de Maria, cujas aparições pertencem a um outro mundo cultural, à realidade indígena latino-americana.

A primeira aparição da Virgem se deu no dia 9 de dezembro de 1531, na aldeia de Cuauhtitlán, perto da cidade do México ao índio Juan Diego. A Virgem aparece ao nativo Juan Diego e pede-lhe para ir ao bispo Zumárraga e solicitar dele a construção, naquele lugar, um templo, onde ela possa escutar os sofrimentos dos pobre e levar-lhes socorro.

No mesmo dia, sábado à tarde. O vidente encontra a Virgem que estava esperando, no topo da colina, onde a tinha visto pela manhã. Dá-lhe conta do resultado da missão: um fracasso. A Virgem lhe pede para ir de novo, ao bispo, no dia seguinte, domingo. É o que faz o vidente. Mas o bispo lhe pede um sinal.

No dia 10, de dezembro, domingo à tarde. Diego relata o fracasso de sua segunda embaixada e comunica à Virgem o pedido que fizera o bispo de um sinal. Esta convida o vidente para vir no dia seguinte a fim de receber o sinal solicitado. Mas segunda-feira o índio não volta para se encontrar com a Virgem, fica em casa, porque seu tio Juan Bernardino, que mora com ele, está gravemente enfermo.

No dia 12 de dezembro, terça feira cedinho. Enquanto Juan Diego vai à procura de um Padre para atender o moribundo e faz a volta para não encontrar a Virgem, esta lhe corta o caminho e vem-lhe ao seu encontro. Assegura-lhe a cura do tio o qual é, no mesmo momento favorecido por uma aparição particular da Virgem, que chega para curá-lo. E, como sinal prometido. Ela pede ao índio que vá ao alto do cerrito colher um punhado de flores frescas e variadas, missão quase impossível, pois se tratava de um período de inverno, onde não se cultivava flores. Porém Juan Diego obedece e assim as encontra. Em seguida, a Virgem envia-o, mais uma vez, ao bispo. O índio vai e quanto mostra ao bispo o sinal pedido, aparece milagrosamente estampada no *ayate* a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe exatamente a que agora é honrada em seu santuário aos pés do Tepeyac.

O Santuário Mariano de Nossa Senhora de Guadalupe é um dos mais visitados do mundo, recebendo mais de 14 milhões de romeiros anualmente.

## Capítulo III

### A RELIGIOSIDADE NO BRASIL.

#### 3.1 A grande devoção à Ave-Maria e ao terço.

Como já sabemos a devoção à Maria, chegou no Brasil, juntamente com os portugueses, mas sempre fica a pergunta de onde vem a devoção de se rezar o terço?

Porque alguns acham tão importante rezar o terço e outros até riem desta prática?

Afonso Murad, em seu livro *Maria Toda de Deus e tão humana*, nos apresenta um personagem, Sr. Honório que é devoto de Maria, há mais de cinquenta anos e ultimamente começou a ler uns folhetos de videntes que dizem receber mensagens de Nossa Senhora. Seguindo o pedido dos videntes, seu Honório obriga os filhos e a mulher rezar todos os dias o terço (parte do rosário), do começo ao fim, do oferecimento à Salve Rainha. Ele diz: "Nossa Senhora mandou e eu tenho que obedecer e o único jeito de livrar o mundo da perdição".<sup>18</sup>.

Desde o início do Cristianismo, os seguidores de Jesus desenvolveram muitas maneiras de rezar. Uma delas é a oração vocal, jaculatórias. A pessoa repete a mesma frase, no correr do dia, como louvor, pedido ou consagração a Deus. No oriente conhece-se a oração do peregrino russo: "Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, tem piedade de mim, pecador", que se repete enquanto se caminha. Outras religiões tem algo parecido. Os Hindus e os budistas, por exemplo, repetem uns sons sagrados que eles chamam de "mantras". Nós, católicos temos as jaculatórias. Na oração vocal, como a Ave-Maria, enquanto os lábios pronunciam as mesmas palavras, a mente se aquieta e o coração, em silêncio, sintoniza com Deus. Não é uma oração de pensar, de refletir, mas sim de contemplar.

Terão grande devoção ao recitar a Ave-Maria, ou a saudação Angélica, da qual bem poucos cristãos, mesmo esclarecidos, conhecem o valor, o mérito, a excelência e a

---

<sup>18</sup> Cf. Murad, Afonso Tadeu. *Maria toda de Deus e tão humana*. Ed. Paulinas: Santuário, São Paulo, 2012.p.214.

necessidade. Foi preciso que a Santíssima Virgem aparecesse várias vezes a grandes santos, muito doutos para lhes demonstrar o mérito desta pequena oração".<sup>19</sup>

Não se sabe quando os cristãos começaram a rezar a Ave-Maria como oração vocal. Na Idade Média, uns monges analfabetos, que não podiam ler os salmos, recitavam de memória algumas frases. Assim como para os cento e cinquenta salmos, eles rezavam, no correr do dia, o mesmo número de Ave-Marias, mas somente a primeira parte composta pela saudação do anjo (Lc 1,28) e as palavras de Isabel (Lc 1,42). Embora haja uma lenda de que São Domingos tenha recebido diretamente de Maria o rosário, sabe-se que o dominicano Frei Henrique Kalkar, por volta do ano de 1.300, fez a divisão das Ave-Marias em quinze dezenas, com o Pai-Nosso iniciando cada uma. Mais tarde, outro monge propôs a medição dos mistérios. Um século depois, o dominicano Alano de la Rocha dividiu o rosário em mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos. Com eles se contemplavam, respectivamente, a encarnação do Filho de Deus, sua Paixão e morte e ressurreição e glorificação de Jesus e Maria. A segunda parte da Ave-Maria foi incorporada ao rosário provavelmente a partir de 1.480.<sup>20</sup>

..."aprendei que a Ave-Maria é a mais bela de todas as orações, depois do Pai-nosso. É a saudação mais perfeita que podeis fazer a Maria, pois é a saudação que o Altíssimo indicou a um arcanjo, para ganhar o coração da Virgem de Nazaré. E tão poderosas foram aquelas palavras, pelo seu encanto secreto que contém, que Maria deu seu pleno consentimento para a Encarnação do Verbo, embora relutasse em sua profunda humildade. É por esta saudação que também vós ganhareis infalivelmente seu coração, contanto que digais com deveis"<sup>21</sup>

O rosário como oração se espalhou por toda parte. . Muitas confrarias de leigos e institutos religiosos promoveram sua devoção, trata-se de um exemplo típico de devoção que não é somente popular, visto que o rosário nasceu no ambiente de convento de frades, e se espalhou a partir dos movimentos de leigos.

---

<sup>19</sup> Cf. S. Luís Maria Grignon de Montfort. Tratado da verdadeira devoção a Santíssima Virgem, Ed. Vozes, Petrópolis RJ, 2016. p. 199

<sup>20</sup> Cf. Murad, Afonso Tadeu. Maria toda de Deus e tão humana. Ed. Paulinas: Santuário, São Paulo, 2012.p.214.

<sup>21</sup> Cf. S. Luís Maria Grignon de Montfort. Tratado da verdadeira devoção a Santíssima Virgem, Ed. Vozes, Petrópolis RJ, 2016. p. 161.

O Papa João Paulo II, na carta apostólica *O Rosário da Virgem Maria*, de 2002, propôs acrescentar os mistérios luminosos, que contemplam a missão de Jesus, assim o rosário passou de cento e cinquenta para duzentas Ave-Marias, divididas agora em quatro blocos de mistérios.

Ao estudar história, percebe-se que a devoção do rosário não nasceu repentinamente nem veio como um bloco único, já pronto e imutável. Passou por inúmeras mudanças, no correr de seis séculos. Várias pessoas e grupos participaram na criação, sistematização e acréscimo, até chegar à sua forma atual. O nome "rosário" quer dizer uma coroa de rosas, composto de cento e cinquenta Ave-Marias. Em português se usa a expressão "terço" que significa como a palavra diz, a terça parte do rosário. Um rosário completo, antes do acréscimo de João Paulo II, era composto de três terços, agora, são quatro terços.

O rosário não constitui a única forma de oração. Nos últimos anos, desenvolveram-se outras maneiras de orar, como a reflexão comunitária da Palavra de Deus e as preces espontâneas de louvor, adoração, intercessão e súplica. É bom refletir sobre a vida, refletir com a Palavra de Deus e desenvolver a oração espontânea.

Como acontece em outras devoções, não convém misturar o terço com a liturgia. Na hora da missa não se reza o terço. Cada alimento espiritual tem seu momento certo e sua utilidade. E embora seja tão bom, nenhum católico é obrigado a rezar o terço. Como uma devoção, trata-se de instrumento utilizado livremente por muitas gerações de fiéis, que é reconhecido e recomendado pelo Magistério da Igreja.

Ressalto que a oração oficial da Igreja, é a Liturgia das Horas (também chamada Ofício Divino) é a oração pública e comunitária oficial da Igreja Católica. Apesar de não ser uma prática nas nossas comunidades, a Liturgia das Horas, deve ser rezada em comunidade, conforme: "Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas".<sup>22</sup>

### 3.2. Maria na Religiosidade Brasileira

O culto à Virgem Maria sempre mereceu especial carinho do povo brasileiro, tanto pela herança da religiosidade portuguesa, que tem suas raízes na Idade Média, como pela influência dos primeiros missionários que aportaram a Terra de Santa Cruz, no intuito de evangelizar os indígenas.

---

<sup>22</sup> Importância da Liturgia das Horas ou o Ofício Divino na Vida da Igreja. Capítulo I.

As populações que se deslocaram para o Brasil, atraídas pela fascinação do ouro, eram em sua maioria do norte de Portugal. Enraizadas ancestralmente à religião cristã, elas trouxeram, para a nova Terra da Promissão, além de pequenas imagens de santos de sua devoção, um fervor religioso profundo e uma singela piedade. Cada grupo que ia fundar um arraial levava consigo uma imagem de Nossa Senhora, sob qualquer título. Era a mãe de Deus e isto bastava. Em frente à imagem, os aventureiros e as mulheres se ajoelhavam e rezavam os ofícios, o terço e as ladainhas como era de costume. Essas rezas eram em latim e como o povo não sabia ler e falar a língua oficial da Igreja, as rezas se tornavam uma mera repetição, mas feita com muita fé e fervor.

Conforme a época, as regiões geográficas, as ordens religiosas destinadas à catequização dos índios, ou as irmandades estabelecidas nas primeiras comunidades, sobressaíam as invocações de Nossa Senhora do Pilar e das Mercês, veneradas na Espanha; da Conceição, Padroeira da Casa de Bragança; de Soledade e das Dores, de tendência barroca para dramático; da Boa Viagem, protetora dos marinheiros e pescadores; das Brotas venerada pelos agricultores; do Parto, invocada pelas mulheres casadas, generalizadas no orbe católico e mais as privativas lusitanas como Nazaré, Luz, Oliveira e Lapa sendo que, muitas vezes, com o culto, foram também transladadas as tradições regionais portuguesas sobre as origens antiquíssimas dessas devoções.<sup>23</sup>

Desde os primeiros tempos da colonização, observamos grande quantidade de lendas relacionadas à fundação das capelas erguidas em nosso território e à afluência popular às festas da Mãe de Deus na zona rural e nas mais antigas cidades das capitânicas.

A presença de "Nossa Senhora" indica a cotidianidade da fé popular. Os deveres femininos nas áreas rurais se exercem de modo amplo, incluindo as tarefas caseiras, o árduo trabalho na roça e a assistência à família, à atuação da mãe humana, torna também a intervenção da mãe celeste. A mãe celeste, sempre intervém a favor dos seus filhos, principalmente a favor dos que são oprimidos.

---

<sup>23</sup> MEGALE, Nilza Botelho. Maria na Religiosidade popular. Editora Ave Maria. São Paulo. 2007. Página 12.

Religiosidade popular não é acervo histórico, mas manifestação de vida. É uma cultura religiosa; é a fé católica dentro de uma realidade muito concreta. Mediante a religiosidade popular, amplas camadas da população podem expressar seus desejos de liberdade, escapando assim, ao menos esporadicamente, ao peso e à pressão da rígida estrutura político-social dominante e vivendo momentos de esperança messiânica.<sup>24</sup> Difícil é a tarefa de conceituar a religiosidade popular e fixar-lhes os limites.

A estruturação da religiosidade popular obedece à dialética da própria vida, entendida como uma sucessão de perdas e ganhos, o entendimento ao conflito humano. Por meio dela, o homem, principalmente do interior, se relaciona com o mundo, pelas "benzeções", exorciza os males; pela ação das plantas curativas supre a ausência de atendimentos médicos; com as promessas e festejos religiosos fala aos santos de sua devoção.

O povo tem conhecimento, que deve adorar somente a Deus, porém o povo elege seus santos de devoção, que se torna uma maneira de diminuir a distância do Criador. A onipotência de Deus é relativizada na presença oportuna dos santos, Maria e dos anjos. O "desamparo" do homem é aquilo que a religiosidade popular evita, havendo sempre a possibilidade de resgate através de promessas, penitência e orações. A presença de Maria na vida do povo é uma constante. Os pobres devotam fé à Deus, mas tem na intervenção de Nossa Senhora, a protetora que "efetiva os milagres" e garante as benesses. Ela é a nossa Mãe desde o começo, nas orações das parteiras, na consagração a Nossa Senhora no batismo e no casamento; nos perigos, nas doenças, até na hora da morte.

Existe o catolicismo ensinado pelo magistério da Igreja, que aqui vamos chamar de oficial e o catolicismo popular, que abrange enorme variedade de práticas e crenças religiosas encontradas nas camadas populares católicas, as quais podem ou não estar de acordo com o magistério. Algumas vezes, o desacordo consiste em que o popular conserva doutrinas e ritos já em desuso no catolicismo oficial. Verifica-se, entretanto, uma interação constante entre os dois tipos de catolicismo, sendo que o

---

<sup>24</sup> MEGALE, Nilza Botelho. Maria na Religiosidade popular. Editora Ave Maria. São Paulo. 2007. Página 13.

oficial tenta controlar a expressão autônoma da religiosidade popular, ora rejeitando, ora tolerando e ora incorporando suas crenças e práticas.

### 3.3. Festas populares dedicadas a Maria.

A origem das festas está no uso encontrado em todos os grupos humanos de dividir o tempo em fases distintas, havendo ritos especiais para marcar o dia que assinala a passagem de um período para o outro. Assim, entre os povos primitivos, as principais festas coincidiam com o início da primavera, a colheita dos frutos e o fim dos trabalhos agrícolas, podemos observar esta tradição também na cultura hebraica.

Com o passar do tempo, à medida que o grupo atingia uma vida religiosa mais intensa, estas solenidades adquiriram um caráter mágico, o de agradecer às divindades as boas colheitas ou suplicar o afastamento dos malefícios. Assim foi surgindo aos poucos a necessidade de cultuar os entes sobrenaturais em determinado tempo e lugar.

Todas as religiões estabeleceram datas para comemorar as fatos litúrgicos, aparecendo através dos tempos e dos povos; o engalamento, os disfarces, as máscaras, os trajes especiais, a música e a dança.<sup>25</sup>

Foi o cristianismo que deu nova orientação as festas religiosas, o cristianismo em seu início teve a necessidade de dá uma novo significado as festas pagãs, como por exemplo a festa do Natal em substituição a festa do Deus Sol.

A Igreja Católica determinou certas datas para serem dedicadas ao culto divino, considerando-as "dias de festa". Elas foram distribuídas entre festas do Senhor e as festas de Santos, entre as quais figuram, de maneira especial, as da Virgem Maria. A religiosidade popular é marcada essencialmente pela festa, através da revigoração do sagrado. A festividade religiosa tem um caráter social que garante e reforça a identidade do grupo. Existem as festividades litúrgicas e as populares estas homenageando as padroeiras das cidades ou da região. No Brasil é muito comum as festas populares homenageando os Santos e especialmente as dedicadas as devoções Mariana.

---

<sup>25</sup> MEGALE, Nilza Botelho. Maria na Religiosidade popular. Editora Ave Maria. São Paulo. 2007. Página 44.

### 3.4. Maria na arte popular.

Arte popular é aquela que é feita por artistas do povo e a ele direcionada, com função decorativa, ornamental ou religiosa. Muitas vezes, a aparência dos objetos desta arte popular entra em conflito com nossos preconceitos artísticos, mas precisamos lembrar que eles são o retrato do povo, que coloca em sua confecção grande parte de sua cultura e de suas esperanças, demonstrando geralmente peculiaridades regionais.<sup>26</sup>

A arte popular é geralmente religiosa, onde se destaca a reprodução da imagem de Maria, sendo mais comum a imagem da padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida.

A imagem sacra popular, ao contrário da erudita, não sai das mãos de uma artista estudada, ela é feita pelas mãos do homem do povo, que atuando entre seus iguais, supre as necessidades devocionais dos mais humildes.

Durante o carnaval, de 2017, no sambódromo de São Paulo, a Escola de Samba Unidos de Vila Maria, apresentou como tema do seu desfile os trezentos anos de aparição da imagem de Nossa Senhora Conceição Aparecida no rio Paraíba do Sul.

Foi uma demonstração da fé "popular" do nosso povo, apesar das críticas por parte de alguns católicos, a homenagem contou com a aprovação da Arquidiocese de São Paulo e da reitoria do Santuário Nacional de Aparecida.

Podemos ressaltar que foi uma homenagem respeitosa e a emoção foi visível nos rostos daqueles que presenciaram a imagem de Aparecida "desfilando" pelo sambódromo, e o povo cantando o samba-enredo:

**Aos teus pés vou me curvar  
Senhora de aparecida  
A prece de amor que nos uniu  
Salve a rainha do Brasil**

---

<sup>26</sup> MEGALE, Nilza Botelho. Maria na Religiosidade popular. Editora Ave Maria. São Paulo. 2007. Página 96.

**Pedi aos céus  
Para iluminar essa jornada  
Seguir com fé na caminhada  
Santa aparecida dessas águas  
Fez a nossa rede prosperar  
Virgem conceição imaculada  
Os teus feitos vão se revelar  
Num choro incontido  
O nó na garganta  
A história marcada em devoção  
Joia da princesa pra te coroar  
Presente que acalanta o coração**

**Oh senhora, oh senhora  
Reluz teu manto azul bordado em ouro  
A benção de viver a tua glória**

**Milagre  
É lindo ver o povo venerando  
Pagando promessas em oração  
Negra mãe, divina liberdade  
Do impossível és a salvação  
O cortejo vem te receber  
E eu já posso ouvir a cantoria  
É gente abraçada a chorar  
Vila Maria abençoada vem pedir  
Pátria mãe gentil  
Não deixa de exaltar a padroeira  
Pro bem do meu país  
Nos dê a paz bendita e verdadeira.**

Apesar de toda a polêmica que gerou a homenagem que a escola de samba, Vila Maria, prestou à Virgem Maria, não podemos deixar de exaltar como uma grande obra da arte popular.

### 3.5. Maria a Senhora de Aparecida.

No documento da Conferência Episcopal Latino Americana em Puebla, temos uma citação que nos diz: "Em nossos povos o evangelho tem sido anunciado apresentando a Virgem Maria com sua expressão concreta". Maria é a voz que convida os homens a união, a uma verdadeira comunidade.

Com relação aos títulos marianos podemos catalogar que muitos vieram com os portugueses e espanhóis para o Brasil, poderemos classifica-los por diversas categorias, aqui vamos apresentar quatro conceitos: os títulos que se referem à Maria da história; os que contemplam Maria da fé pascal do Novo Testamento, incluindo neste contexto o Magnificat; Maria do magistério eclesiástico e teológico; Maria da piedade da Igreja.<sup>27</sup>

No Brasil a religiosidade do povo para com a Maria Santíssima está intimamente ligada à devoção a Nossa Senhora Aparecida, apesar da devoção à Maria com outros títulos em várias partes do Brasil, a devoção a Mãe de Aparecida é uma devoção nacional, por ser uma imagem que foi encontrada por pescadores humildes em um clima de muita pressão e necessidade. Numa situação de muitas dificuldades Maria Santíssima na imagem de Nossa Senhora da Conceição, vem ficar perto dos pobres e humildes, da mesma maneira como Maria de Nazaré apresentava-se na Judéia e também foi ficar ao lado de sua parenta Isabel.

No ano da aparição, a população ribeirinha que habitavam as margens do Rio Paraíba do Sul, encontravam-se em muitas dificuldades. Depois da sangrenta Guerra dos Emboadas, as tropas que uniam as minas de ouro ao litoral deixaram de fazer o trajeto pela região.

Os lavradores, com este vazío de pessoal, não tinham como vender o pouco que plantavam. Além disso, por motivo misterioso, provavelmente, por causa do

---

CALIMAN, Cleto (org) Teologia e Devoção Mariana no Brasil. Ed. Paulinas, São Paulo. 1989. p.74

garimpo nos mananciais, os peixes desapareceram. Os pescadores, para fugirem aos tormentos da fome, viam-se obrigados a plantar milho e mandioca. Um fato que merece registro, é que o povo da região é descendente de paulistas que desbravaram o sertão e "seu mal é a pobreza".

Este é o caso de Felipe Pedroso e seus filhos que cuidavam de uma roça, em parceria com as famílias de Domingos Garcia e João Alves. O proprietário das sesmarias, área de terra doada ao povo para cultivo, onde ficava o porto de Itaguaçu, era o Capitão Amaro Lobos. Essa sesmaria pertencia à Capitania de São Paulo e Minas.

Os pescadores que viviam às margens do Paraíba não tinham uma posição social definida. Geralmente nascidos da mestiçagem entre colonizadores portugueses e indígenas, trabalhavam sempre a margem do sistema e pescavam para comer.

Com este retrato falado, que expressa o domínio português e a pobreza da terra legada à população mais simples, poderemos inclinar nosso pensamento para a história do povo sofrido do final do século XVII e início do século XVIII, em sua origem: humildes nativos, cujos poucos líderes começavam a se opor aos exploradores europeus. Empenhados por inteiro na árdua tarefa de sobrevivência não conseguiam obter uma consciência nítida das profundas em que foram lançados. O povo tinha somente a miséria, a fé em Cristo e em Nossa Senhora.<sup>28</sup>

Em 1717, São Paulo e Minas formavam uma só Capitania. Embora a sede oficial do governo fosse a cidade de São Paulo, esta, por sua vez, deveria centralizar-se em Vila Rica, a fim de exercer aqui a sua administração, o que seria feito por motivos fiscais e disciplinares.

Desde 1710, segundo é mencionado em documentos, médias e pequenas propriedades começavam a se radicar no Itaguaçu, Ponte Alta, Ribeirão Sá, Pitas e Aroeiras. Tudo isso se deve ao desenvolvimento da policultura de natureza alimentar: milho, mandioca, arroz feijão e criação de animais. O resultado é fruto do sonho do outro ter acabado.

Com o passar do tempo, a situação política em São Paulo parece regozijar-se de uma relativa calma. O mesmo não poderá dizer da região de Minas,

---

<sup>28</sup> DE AZEVEDO, Manuel Quitério. Culto a Nossa Senhora Aparecida, uma análise, histórico, teológico, pastoral, dissertação de mestrado em cumprimento parcial das exigências de pós-graduação para obtenção do grau de mestre em teologia dogmática. São Paulo, 1995, p, 33-35.

sobretudo da região mineradora, onde a situação era tensa. Estamos em 1717. O quadriênio de Dom Braz Baltazar da Silveira estava prestes a findar.

Para que o governo da Capitania não ficasse vazio, o que poderia agravar mais a situação, foi nomeado pelo rei de Portugal D. João V, com o título de governador e capitão-general, a 22 de dezembro de 1716, Dom Pedro de Almeida e Portugal, um moço com menos de trinta anos de idade, muito religioso, muito disciplinado, de vez que era militar de carreira.

Consta que, a 27 de setembro, Dom Pedro saiu de São Paulo rumo ao Vale do Paraíba. Depois de percorrer algum caminho, detendo-se em algumas vilas, chegou a Pindamonhangaba no dia 13 de outubro. No dia 16 prosseguiu viagem, pernoitando no sítio de Antonio Cabral. No dia 17 de outubro, domingo, depois de participar da missa da manhã, seguiu viagem chegando a Vila de Guaratinguetá.

Para o povo da região, o fidalgo português não passava de uma figura lendária, sobretudo para o povo simples. Contudo a chegada do Conde, mereceu todas as honras. Para recepcioná-lo, duas companhias de infantaria compostas uma de portugueses e outra de filhos da terra, prestaram-lhes as devidas honras.

Por esta altura, governava a Vila o Capitão-Mor Domingos Antunes Fialho, esta era uma figura bastante distante do povo. O poder político concreto era o do proprietário das terras.

Não obstante o caráter religioso do monarca, sua ação administrativa era bastante severa. Nas Vilas por onde passou organizou os quadros administrativos com muito rigor, sendo severo com os funcionários faltosos. Em Guaratinguetá, mandou prender e castigar rebeldes e criminosos. O ambiente que refletia as lutas e rivalidades da região mineradora, tornara-se reduto de criminosos e marginais.

A visita de Dom Pedro de Almeida, o Conde de Assumar, a Vila de Guaratinguetá não podia ficar só nas honras festivas e militares. Para dar mais brilho ao ilustre visitante, a Câmara local quis obsequiar o Conde com um lauto banquete.

Profundamente católico, o Governador, chegou a Guaratinguetá numa época de abstinência, e como bom apreciador de peixe, surgia assim à oportunidade de lisonjear o paladar. Eis, pois, a necessidade da Câmara notificar aos pecadores que apresentassem todo o peixe que pudesse haver para o Governador e sua comitiva. Entre muitos foram pescar, na noite de 16 para 17, sábado para domingo de outubro de 1717,

o dono da canoa de pesca: Domingos Alves Garcia, com João Alves (talvez seu filho) e um parente Felipe Pedroso.

Iniciaram a pescaria no Porto José Côrrea Leite, distante de Itaguaçu cerca de seis quilômetros rio acima. E principiando a lançar suas redes no porto de José Côrrea Leite, continuaram até ao porto de Itaguaçu, distante bastante sem tirar nenhum peixe, naquela região o rio Paraíba era todo sinuoso e suas margens cobertas de vegetação com muitas passagens alagadiças, próprias para proliferação de peixes.

No porto de Itaguaçu, porém deu-se um fato notável. Ao puxarem a rede, sentiram-na muito pesada, e acreditaram logo tratar-se peixe. O primeiro a sentir a sensibilidade do peso da rede foi João Alves. Ao desvendar o mistério do peso, viu o corpo de uma pequena imagem. A surpresa não o fez desistir.

Lançando novamente a rede a pouca distância, eis que a cabeça da Senhora aparece. Uma pergunta certamente ficava no ar: Quem a teria jogado ali? Uma pequenina escultura feita por um autor anônimo, da provável escola de ceramistas da ordem dos beneditinos. Atribui-se às mãos artísticas de frei Agostinho de Jesus ou de algum discípulo do mestre frei Agostinho. O que se sabe é que foi feita de barro cozido ao fogo, na forma e estilo imaginária e estatuária brasileira. Dentro da realidade de uma imagem quebrada convém que se explique o seguinte: é costume de tempos imemorais, vindos da Europa, o de se colocar na água corrente, dos rios ou do mar, as imagens quebradas, como o de se enterrarem restos irreparáveis de veneradas imagens. Em Itanhaém e Parnaíba, por exemplo, cidades que existem desde o início da nossa colonização, sabe-se que em poços cavados nas respectivas igrejas foram enterrados restos de várias imagens destruídas pelos anos ou por desabamento ocorrido no templo, vale ressaltar que até hoje os fiéis não sabem o que fazer com as suas imagens de veneração quando quebra. Contudo, segundo relatam os pesquisadores, o pescador reverente a guardou em sua canoa. E continuando a pescaria, não tendo até então peixe algum, dali por diante foi tão copiosa em poucos lances, que receosos de naufragarem pelo muito peixe que tinham nas canoas, ele e os companheiros se retiraram a suas moradas, admirados deste sucesso.

A simplicidade e o sabor literário deste acontecimento são dignos de nota. A narrativa do achado da Imagem de Nossa Senhora Aparecida, foi baseado em fatos reais e transmitidos por pessoas competentes, a começar pelos protagonistas, os três pescadores. Estes personagens são reais e não imaginários, como acontece com as

lendas. Seus nomes de encontram nos livros de batismo e de casamento da paróquia. O Pe. Félix Sanches batizou a 30 de julho de 1720 o menino João, filho de Atanásio Pedroso e de sua mulher Rosa Maria. O Pe. José Alves Vilela anotou a 2 de maio de 1745 o termo de batismo de outro neto de Filipe Pedroso: "Aos dois dias do mês de maio de mil setecentos e quarenta e cinco batizei e pus os santos óleos a José, filho de Atanásio Pedroso e sua mulher Maria Siqueira, neto paterno de Filipe Pedroso e sua mulher Verônica da Silva, já falecidos". João Alves aparece como testemunha de casamento. Entre os recenseados nas Companhias de Ordenanças do Bairro do Itaguaçu, em 1765, encontramos o nome de Domingos Martins Garcia.

Tudo nos leva a crer que os documentos revelam um fato autêntico.

O humilde pescador, João Alves, quando chegou a casa, anunciou o acontecido a sua mãe, Silvana da Rocha, entregando-lhe o achado para ela mesma cuidar. O texto fala que a conservou em seu poder cerca de 10 anos, ou seja de 1717 a 1726, conforme reza a tradição, baseada em vários depoimentos no Arquivo da cúria de Aparecida. Do simples pano ( a camisa de João Alves) que a protegeu do "frio" das águas do rio, a imagem ficou guardada num baú, pertencente a Felipe Pedroso. Eis, pois, a "primeira procissão" da imagem da canoa para casa. Uma pergunta fica no ar. Teria tido os convivas da mesa do Governador notícia das circunstâncias da pesca? Provavelmente não, como afirma o historiador João Correa Machado, acrescentando: "Era um segredo que só mais tarde seria revelado às autoridades, como também aconteceu no que se refere ao nascimento de Jesus".

A surpresa do achado não ficou reservada às famílias dos simples pescadores. A notícia aos poucos, foi correndo de vizinho para vizinho, certamente humildes, iguais aos pescadores.<sup>29</sup>

Podemos imaginar que os fatos acontecidos no rio Paraíba podem ter sido fruto da imaginação de pessoas que queriam aproveitar-se da simplicidade e da falta de recursos da população ribeirinha. Veremos a seguir como documentos datados da época confirmam estes acontecimentos:

---

<sup>29</sup> DE AZEVEDO, Manuel Quitério. Culto a Nossa Senhora Aparecida, uma análise, histórico, teológico, pastoral, dissertação de mestrado em cumprimento parcial das exigências de pós-graduação para obtenção do grau de mestre em teologia dogmática. São Paulo, 1995, p, 35-41.

A história da Imagem e da Capela de Aparecida é uma das mais bem documentadas que existem. E merece crédito, pois seus documentos foram escritos em época bem próxima dos fatos acontecidos.

O Pe. José Alves Vilella, que assumiria a paróquia de Santo Antônio de Guaratinguetá em novembro de 1725, oito anos após o achado da Imagem, elaborou um relatório sobre os acontecimentos do Porto de Itaguaçu. Conhecia as famílias dos pescadores e foi sob seu governo que a devoção popular se expandiu rapidamente pelas vizinhanças. Como vigário da paróquia, não desconhecia dos fatos e podia estar bem informado sobre eles.

O Pe. Vilella era uma sacerdote português e além de pároco exercia o ofício de Vigário da Vara de Guaratinguetá e Taubaté. A 5 de maio de 1743, após a expansão do culto a Nossa Senhora Aparecida, pediu ao bispo do Rio de Janeiro a aprovação do culto e a licença para construir uma igreja onde a Imagem pudesse ser venerada oficial e publicamente. Para isso ele devia, conforme as "Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia", que já estavam em vigor.<sup>30</sup> Fazer um relatório dos fatos, sobretudo os que eram considerados extraordinários. Os autos da ereção e da benção da Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, que contém as Provisões de Dom Frei João da Cruz, ainda se conservam no arquivo da Cúria de Aparecida.

A narrativa do encontro da Imagem foi escrita no Livro do Tombo da paróquia, em agosto de 1757, pelo vigário Dr. João de Moraes e Aguiar. O Pe. João era mestre em teologia moral e certamente não se teria deixado levar por lendas piedosas do povo. Nos primeiros anos como pároco, o Pe. Vilella ainda vivia e exercia o cargo de Vigário da Vara e dele recebeu as informações que transcreveu no Livro do Tombo.

Um outro documento, ainda hoje existente no original, é digno de menção e crédito. Trata-se da informação que dois missionários jesuítas obtiveram sobre o encontro da Imagem por ocasião da missão por eles pregada no povoado de Aparecida em 1748. O relatório da missão foi escrito pelo Pe. Francisco da Silveira em 1750 e se encontra no Arquivo Romano dos Padres Jesuíta de Roma.

Todas as circunstâncias indicam que a narrativa do achado da Imagem de Nossa Senhora Aparecida foi baseada em fatos reais e transmitida por pessoas

---

<sup>30</sup> As Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia foram geradas a partir do sínodo de 1707, iniciativa do arcebispo D. Sebastião Monteiro e Vide e se compreenderam como um intento de atualização da Igreja às condições do Brasil.

competentes, o que dá a certeza de que estamos diante de um fato histórico e não lenda.<sup>31</sup>

Com o título "Notícia da Aparição da Imagem da Senhora", o Pe. João de Morais e Aguiar inicia a descrição do encontro da Imagem. É singela e curta, em estilo saboroso e fluente. Consta de duas partes: a primeira fala do encontro, e a segunda dos prodígios e da devoção que já existia em 1757.

A narrativa determina a época do achado, mencionado também a ordem da Câmara que ocasionou o encontro da Imagem. Houve um erro de dois anos, pois o Conde esteve em Guaratinguetá em 1717 e não em 1719. No ano de 1719, pouco mais ou menos, passando por esta Vila para Minas, o Governador delas e de São Paulo, o Conde Assumar Dom Pedro de Almeida Portugal, foram noticiados pela Câmara os pescadores para apresentarem todo o peixe que pudesse haver para o dito Governador. E os pescadores foram identificados: Entre muitos foram a pescar Domingos Martins Garcia, João Alves e Filipe Pedroso com suas canoas.

Iniciaram a pescaria no Porto de José Correa Leite, distante de Itaguaçu cerca de seis quilômetros rio acima. E destaca que naquela longa distância a pescaria foi infrutífera. E principiando a lançar suas redes no porto de José Correa Leite, continuaram até o porto de Itaguaçu, distante bastante sem tirar peixe algum. Naquela região, o rio Paraíba era todo sinuoso e suas margens cobertas de vegetação com muitas passagens alagadiças, próprias para a proliferação de peixes.

No porto de Itaguaçu, porém deu-se o fato notável João Alves apanha na sua rede de rasto o corpo duma pequena imagem. Repetindo o arremesso, retira a pouca distância a cabeça. E lançando neste porto, tirou o corpo da Senhora, em cabeça e lançando mais abaixo outra vez a rede retirou a cabeça da mesma Senhora.

É interessante notar que o autor, Pe. João de Morais e Aguiar, já se preocupava com a origem da imagem e supõe que alguém a lançara naquele lugar. Não se sabendo nunca quem ali a lançara. Em seguida narra o desfecho da pescaria e do achado da imagem que o pescador, reverente, guardou em sua canoa. Guardou o inventor esta imagem em um tal ou qual pano, e continuando a pescaria, não tendo até então peixe algum, dali por diante foi tão copiosa a pescaria em poucos arremessos, que

---

<sup>31</sup> BRUSTOLONI, Júlio, A Senhora da Conceição Aparecida, História da Imagem, da Capela das Romarias. Ed. Santuário. Aparecida, p. 33-35

receoso, e os companheiros de naufragarem pela quantidade de peixes que tinham nas canos, se retiraram a suas casas, admirados pelo sucesso.

O sabor literário e a simplicidade desta passagem são dignos de nota; em poucas palavras transmite um fato que irá repercutir, em pouco tempo, por toda a parte.

Na segunda parte do documento são relacionados os fatos acontecidos em torno da Imagem. Primeiramente a devoção familiar e depois o culto popular que lhe foi prestado. Felipe Pedroso, talvez o mais velho dos pescadores, conservou-se em sua casa junto do ribeirão do Sá e Ponte Alta por espaço por cerca de 15 anos. Mudou-se depois para Itaguaçu, entregando-a a seu filho Atanásio.

Junto do porto onde foi encontrada, deram-se os fatos decisivos para o culto daquela imagem. Atanásio Pedroso constrói um pequeno oratório e, junto dele, as famílias vizinhas se reuniam para o culto semanal. E cumpriam de modo especial aos sábados, suas devoções marianas, com reza do terço e canto das ladainhas.

Numa dessas rezas populares, Nossa Senhora manifestou seu agrado num sinal muito profundo. O autor menciona o fato como o primeiro prodígio. "Em uma destas ocasiões se apagaram duas luzes de cera da terra repentinamente, que alumiam a Senhora, estando à noite serena, e querendo logo Silvana Rocha, acender as luzes apagadas, também se viram logo de repente acesas, sem intervir diligência alguma; foi este o primeiro prodígio".<sup>32</sup>

Este acontecimento e outros que se seguiram, modificou a história daquela pequenina imagem de Nossa Senhora da Conceição. Uma capelinha foi construída e o povo sentiu atraído por uma força do alto e corresponde com muita fé e devoção.

A imagem deixou de ser propriedade de uma família e passa a pertencer a todos. E os seus devotos a chamavam de "Senhora da Conceição Aparecida". O documento diz expressamente que a capelinha foi construída pelo Pe. Vilela com a ajuda do povo.

O último período da descrição do encontro refere-se ao culto que já estava sendo oficialmente prestado à imagem na Capela do "Morro dos Coqueiros", em 1757. O então vigário Pe. Dr. João Morais e Aguiar se interessa em esclarecer que as

---

<sup>32</sup> BRUSTOLONI, Júlio, A Senhora da Conceição Aparecida, História da Imagem, da Capela das Romarias. Ed. Santuário. Aparecida, p. 33-35

graças concedidas por Nossa Senhora Aparecida foram investigadas e estudadas e afirma que os depoimentos das pessoas agraciadas foram catalogadas em Sumário.<sup>33</sup> E conclui anotando o fenômeno que se verifica na época: E ainda continua a Senhora com seus prodígios, acudindo à sua Santa Casa, romeiros de partes muito distantes a gratificar os benefícios desta senhora".<sup>34</sup>

Cultuar a imagem de Nossa Senhora foi ficando com o passar do tempo uma forma de viver a religiosidade cristã de uma forma muito mais íntima junto a Maria Santíssima. .

Apoiados nos primitivos documentos, julgamos que a rápida expansão do culto no meio do povo fiel foi o fato mais extraordinário acontecido junto da Imagem. Procedia, sem dúvida, uma especial predileção da Nossa Senhora da Conceição Aparecida para com o seu povo que tanto a venerava.

O culto a Nossa Senhora Aparecida, cremos, surgiu da fé profunda daquelas famílias que se reuniam semanalmente para o culto de louvor. E Deus assim dispôs, na sua bondosa providência, para que permanecessem unidas na mesma fé.

O culto nasceu do povo e cresceu com o povo. Muito singelo no seu início; apenas algumas famílias se reuniam semanalmente, aos sábados, para rezar o terço e cantar cânticos em louvor a Mãe de Deus, diante daquela imagem. E começaram a chamá-la "Nossa Senhora da Aparecida".

Peregrinando pelas casas dos pescadores, a Imagem voltou para o lugar de seu encontro, onde Atanásio Pedroso lhe fez um oratório e num altar de paus colocou a Senhora, onde todos os sábados se ajuntava a vizinhança a cantar o terço e mais devoções. O povo havia herdado dos antigos missionários o costume de rezar o terço em grupo de famílias, meditando os mistérios da redenção. Faziam parte das rezas as lições do catecismo, cantadas em melodiosos cânticos da época. Era a comunidade dos cristãos que se reunia para o culto de louvor e gratidão. Neste ambiente de oração, aquelas famílias começaram a prestar culto singelo de seu amor e devoção a Nossa Senhora Aparecida.

---

<sup>33</sup> BRUSTOLONI, Júlio. A Senhora da Conceição Aparecida, História da Imagem, da Capela das Romarias. Ed. Santuário. Aparecida, p. 35-37.

<sup>34</sup> BRUSTOLONI, Júlio. A Senhora da Conceição Aparecida, História da Imagem, da Capela das Romarias. Ed. Santuário. Aparecida, p. 35-37

Prodigiosa foi a expansão do culto à Senhora Aparecida, na medida em que foram prodigiosos os fatos acontecidos junto a sua Imagem: primeiro a pesca, depois o milagre das velas e tantas outras graças e favores temporais e espirituais. Muitos chegam de lugares afastados, pedindo ajuda para as próprias necessidades, anotaram os missionários jesuítas em 1748.<sup>35</sup>

Como ainda hoje acontece e se pode verificar diariamente no contato direto com os peregrinos, sobretudo no foro íntimo das consciências, os favores mais notáveis são de ordem espiritual. Por outro lado não podemos menosprezar os de ordem temporal, aos quais o povo sempre atribuiu especial intercessão de Nossa Senhora.

### 3.6 Ano Mariano.

A CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, através de seu presidente, Dom Sérgio da Rocha, cardeal e arcebispo de Brasília, anunciou em 21 de setembro de 2016, que em virtude da comemoração pelos 300 anos da "pesca milagrosa" da Imagem de Aparecida, a Igreja do Brasil dedica este ano de 2017, Ano Mariano.

O ano de 2017, será "um ano para celebrar, para comemorar para louvar a Deus, mas também para reaprender com Nossa Senhora como seguir Jesus Cristo, como ser cristão hoje" enfatizou Dom Sérgio Rocha, cardeal e arcebispo de Brasília.

"Durante esses três séculos, a "Senhora Aparecida" foi proclamada "Rainha e Padroeira do Brasil" e tornou-se muito querida de tantos brasileiros, que para ela se voltam sincera devoção e carinho filial".<sup>36</sup>

Por ocasião do Ano Nacional Mariano, em comemoração pelos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida no rio Paraíba do Sul, a pedido do Arcebispo de Aparecida, hoje emérito Dom Damasceno, o Papa Francisco autorizou a concessão de indulgência plenária aos fiéis, conforme indicações apresentadas pela Penitenciária Apostólica.

---

<sup>35</sup> BRUSTOLONI, Júlio. A Senhora da Conceição Aparecida, História da Imagem, da Capela das Romarias. Ed. Santuário. Aparecida, p. 42-43.

<sup>36</sup> Carta Pastoral à Arquidiocese de São Paulo por ocasião do Ano Mariano Nacional 2016-2017.

Para alcançar a indulgência plenária, é preciso cumprir com as condições habituais, que são a confissão sacramental, a comunhão eucarística e a oração na intenção do Santo Padre.

Além disso, documento enviado pela Penitenciária Apostólica explica que poderão obter a indulgência os fiéis que “verdadeiramente penitentes e impulsionados pela caridade, se em forma de peregrinação visitarem a Basílica de Aparecida ou qualquer Igreja paroquial do Brasil, dedicada a Nossa Senhora Aparecida”.

Viver o Ano Mariano, é viver o exemplo de Maria. Quando Maria foi visitada pelo Anjo Gabriel e saudada pelo anjo como a Bem Aventurada, e o Anjo lhe contou a Boa Nova, Maria não indagou o Anjo com um "porque" e sim "como". Como devo agir para que a vontade de Deus se faça em mim. E esta tem que ser a proposta da nossa Igreja para o Ano Marino, como tenho que responder meu Senhor para que a sua vontade seja realizada no meio de nós, e isto só é possível, com uma Igreja em saída. Assim como fez Maria quando ficou sabendo através do Anjo Gabriel que sua parenta Isabel, de idade avançada estava grávida.

Maria prontamente foi acolher a sua parenta, pois sabia das suas fragilidades em virtude da sua idade, assim também tem que ser a postura da nossa Igreja, sair para acolher e socorrer principalmente os fragilizados, tanto na sua dimensão corporal como espiritual.

## CONCLUSÃO

O Brasil ao ser colonizado pelos portugueses deixou em nossa cultura uma parte da religiosidade europeia ibérica. Com isso a figura de Maria veio fazer parte de nossas vidas. Aprendemos deste a nossa colonização e com o passar dos tempos como o povo está cada vez mais próximo da presença de Maria. Seja nos momentos de dificuldades, como por exemplo, por injustiças sociais, problemas econômicos. e políticos, entre tantos e dos mais diversos, o povo recorre a Maria como a sua advogada para que Jesus interceda por nós. Durante este trabalho procuramos demonstrar que a veneração que o povo tem por Maria através da religiosidade popular, não é um muro para Jesus Cristo, e sim uma ponte. Pois a Mãe sempre nos remete ao Filho, principalmente quando ela se "coloca" ao lado dos pobres e excluídos da nossa sociedade.

Através das Sagradas Escrituras, enxergamos como Maria está sempre a serviço do próximo. Maria atende ao chamado de Deus. Está com o coração aberto para receber o plano de salvação de Deus. Receber o próprio Deus em seu ventre é a maior prova de que ela realmente aceitou ser a primeira servidora direta de Deus. Como se não bastasse em ter Jesus consigo, vai ao encontro daquela que necessita de sua ajuda, sua parenta Isabel. No Evangelho de João, especificamente nas Bodas de Caná lá está ela novamente intercedendo para que a festa fosse um sucesso e não um fracasso. Da mesmo forma ela quer que nossa vida seja um sucesso e não um fracasso, a Mãe sempre zela pelo sucesso dos filhos. Aos pés da cruz Jesus a entrega a todos nós como nossa mãe. Ao lado da Igreja que inicia seu caminho missionário lá também está ela para viver junto com a Igreja fundada por Jesus Cristo.

Concluimos que a presença de Maria no meio do povo latino americano e mais especificamente a presença de Nossa Senhora Aparecida, no meio do povo brasileiro fez e ainda faz hoje que as pessoas voltem seu olhar para Deus através dos exemplos que Maria deixou para todos nós. Ver como através dos séculos a fé e a crença que através da pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida o povo encontra-se novamente o Criador e Aquele que nos traz esperança, paz, amor e vida é um fato

extraordinário. Ver que os fatos que ocorreram no rio Paraíba até hoje levam milhares de pessoas ao Santuário Nacional de Aparecida para encontra-se pedir e agradecer a intermediação de Nossa Senhora, junto ao seu filho, por todos os benefícios que alcançamos diariamente. Sejam pessoas cultas, como pessoas humildes, dentro do Santuário Nacional podemos perceber como somos todos iguais perante Deus. Não existem exclusões. Pobres, ricos, altos, baixos, diante da Imagem de Nossa Senhora Aparecida o que vai ficar evidente é a fé naquela que para muitos devotos é o motivo que os fazem viver, pois sabem que em suas necessidades haverá sempre a mãe de Deus para interceder por seus pedidos. À medida que vemos milhares de pessoas em busca de vivenciar a sua fé de uma forma intensa e íntima com Maria Santíssima, podemos ver que as pessoas acreditam naquela que de uma forma muito humilde foi à servidora de Deus que se entregou plenamente a Sua vontade para que o mundo conhecesse Jesus, e a salvação que tem para todos nós.

Termino este trabalho, com a maravilhosa oração que Maria recitou na casa de sua parenta Isabel, agradecendo pela obra de Deus em sua vida, e pedindo a Deus que também faça a sua obra na vida de cada um de nós, principalmente na vida dos pobres e excluídos.

A minha alma enaltece a Deus, o Senhor.

e meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Pois contemplou em mim, sua humilde serva, razão por que me  
dirão bem aventurada filhos e filhos dos filhos para sempre.

Pois aquele que faz todas as coisas, fez grandes coisas em mim, e santo é o seu  
nome.

E sua misericórdia vai de geração em geração em todos os que temem.

Age poderosamente com seu braço e destrói a todos que são orgulhosos nas  
intenções de seus corações.

Destitui os grandes senhores de seu governo, e exalta os que são nulos e nada.

Sacia os famintos com toda sorte e bens, e deixa vazios os ricos.

Acolhe seu povo Israel, que lhe serve, depois de se haver lembrado de sua  
misericórdia,

Como prometeu a nossos pais, Abraão e seus descendentes em eternidade.<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> Lutero, Martim. Magnificat o louvor de Maria. pág 11.

## BIBLIOGRAFIA

Bíblia de Jerusalém Paulus São Paulo 2002.

BOFF, Clodovis M. Mariologia Social. O Significado da Virgem para a Sociedade. Ed Paulus São Paulo. 2006.

MURAD, Afonso Tadeu. Maria toda de Deus e tão humana; compêndio de mariologia . Ed. Paulinas: Santuário, São Paulo, 2012.

MURAD, Afonso Tadeu. Quem é esta mulher. Maria na Bíblia. Ed Paulinas, São Paulo, 1996.

ALMEIDA-MANZINI-MAÇANEIRO. As Janelas do Vaticano II – A Igreja em diálogo com o mundo. Ed. Santuário, Aparecida 2013.

CALIMAN, Cleto (org). Teologia e Devoção Mariana no Brasil, Ed. Paulinas, São Paulo 1989.

GEBARA, Ivone e BINGEMER, Maria Clara L. Maria, mãe de Deus e Mãe dos Pobres. Ed. Vozes, Petrópolis 1987.

DELCLOS, Antonio Orozco. Olhar para Maria. Quadrante Sociedade de Publicações Culturais, São Paulo. 1992.

BUCKER, Barbara P., BOFF, Lina., AVELAR, Maria Carmen. Maria e a Trindade. Paulus, São Paulo. 2002.

MEGALE, Nilza Botelho. Maria na Religiosidade popular. Editora Ave Maria. São Paulo. 2007.

MARTINS, Saul Alves. Folclore em Minas Gerais, , Editora Funarte UFMG, 1991, Belo Horizonte MG

FELIPE, Carlos. O Mês de Maria. Artigos publicados no jornal "Estado de Minas", em 03.05.1966 e em 18.05.1974.

DE AZEVEDO, Manuel Quitério. Culto a Nossa Senhora Aparecida, uma análise, histórico, teológico, pastoral, dissertação de mestrado em cumprimento parcial das exigências de pós-graduação para obtenção do grau de mestre em teologia dogmática. São Paulo, 1995

BRUSTOLONI, Júlio. A Senhora da Conceição Aparecida, História da Imagem, da Capela das Romarias. Ed. Santuário. Aparecida

COYLE, Kathleen. Maria tão plena de Deus e tão nossa. São Paulo: Paulus, 2012.

LUTERO, Martin. Magnificat o louvor de Maria. Aparecida- SP: Editora Santuário. São Leopoldo – RS: Editora Sinodal 2015.